

# Energia de uma cidade elétrica

Não é por mera coincidência que o rock pegou tão bem em Brasília. Não é por mero acaso que dezenas de tribos eletrificadas continuam proliferando nos subterrâneos da cidade. E claro que a grande mídia eletrônica sempre preferiu o close em cima do cartão-postal. O rock é o primeiro sintoma mais forte de que, em Brasília, a cultura — campo de criação/renovação de valores — vai devorar a política oficial, campo estéril, campo de reprodução de valores gagás.

Reconhecido como um dos mais competentes músicos para cinema é o autor da música de *O Anjo Nasceu/Bressane*, ligado umbilicalmente à tradição da arte de vanguarda — Guilherme Vaz vai mais longe ao captar os sinais do rock em Brasília. E chega mesmo a fazer a dobradinha arte-conceitual e rock como os dois momentos mais representativos e originais de afirmação cultural da cidade em termos mais amplos.

O rock tem a ver com Brasília porque rock é música elétrica. E Brasília é uma cidade elétrica, diz, Guilherme Vaz. A história revela que a energia sempre influenciou a arte. A energia a vapor criou a arte industrial, o petróleo provocou o surgimento das teorias dadaístas e futuristas em cima do problema da velocidade, da multiplicidade de planos vivenciados pela percepção. Em seguida, vem a eletricidade que alterou completamente o objeto cultural: "E em Brasília a energia elétrica tem o seu coroamento. O rock é a grande forma cultural da nenergia elétrica. Só a energia elétrica possibilitou uma linguagem que dominou o mundo e se chama rock. Se você tira os Rolling Stones da tomada, eles parecem uma dupla caipira do interior de Goiás. Qual será a grande energia do futuro eu não sei. A do presente ainda é a elétrica. O petróleo é uma energia da memória. Ele surge de gigantescas florestas afundadas. A era/petróleo produziu o cinema de Hollywood dos anos 40/50. Eram filmes sobre o passado, em grandes produções sobre temas históricos. A energia a vapor propiciou a evolução das teorias marxistas que eram também baseadas na história".

A energia elétrica e os novos pensadores elétricos têm uma relação muito mais com um eterno presente/futuro do que com o passado. E como pensadores elétricos, Guilherme Vaz situa principalmente os chamados novos filósofos franceses — Deleuze e Cía: "Já são filósofos influenciados pela música dos Rollings Stones. E Brasília, por ser uma paisagem espacialmente aberta, por ser uma cidade elétrica e por estar situada muito no alto, perto de manifestações elétricas como o relâmpago, está ligada ao rock. Na periferia ainda existe paisagem para a valsa. Mas estas manifestações não combinam com a arquitetura e o urbanismo de Brasília. É como criar tomate em uma nave espacial. O cheirinho em Brasília é um E.T. ou E.B.: extra-brasiliensis. O chorinho é uma forma do lampião no Rio de Janeiro. O rock é ligado a holografia, néon, gases, luzes, energia atômica. O rock não tem memória. As letras falam sempre do presente e na primeira pessoa do letrista".

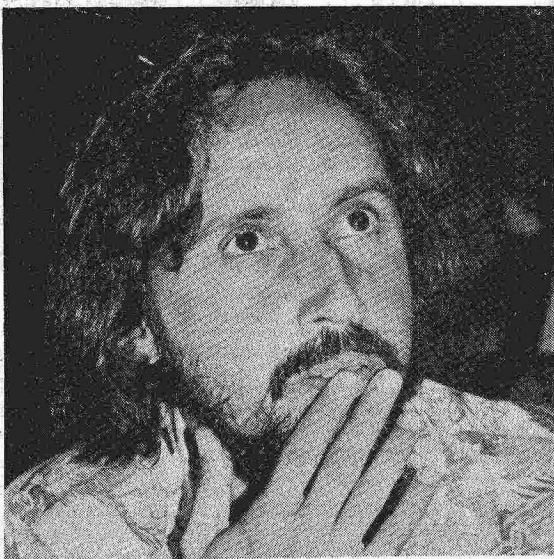
Rock é energia atômica no sentido de possuir um alto poder de luminosidade. Dá a sensação de um poder incrível sobre o universo. Só com milhares de watts, só com esta energia, Jimi Hendrix poderia tocar para 25 mil pessoas. E, quando fala em rock de Brasília, Guilherme faz questão de ficar bem claro estar se referindo somente aos grupos de ponta-de-lança como a *Legião Urbana*. "Estão chamando Brasília de Capital do Rock. Mas existem grupos que a gente não pode chamar de rock sem ofender a memória de Jimi Hendrix e Janis Joplin. É pura obsolescência e adolescência mental". O rock é o presente e o futuro de Brasília. Pode abrir canais de saída para muitas outras linguagens ligadas ao pensamento elétrico como é o caso do vídeo-clip. O vídeo-clip é uma linguagem de vanguarda acessível às

massas — diz Guilherme Vaz: "O vídeo-clip é tudo o que o futurismo e o dadaísmo imaginaram. Tem música aleatória, música elétrica, saques do melhor cinema experimental. Pega tudo de bom que a arte produziu nos últimos tempos e mixa em 5 minutos. Então, o pessoal do interior da Amazônia vê na televisão e não fica muito chocado porque o rock já fez a cabeça. Mas pra isso esta rapaziada tem de se municiar mais e tem de pensar mais".

O rock operou esta microrrevolução com uma força e uma abrangência que nenhuma outra linguagem teve": "O rock", acrescenta Guilherme Vaz, "percepção das pessoas. O rock transformou a própria visão da arte como degustação nefasta e acadêmica. O rock não permite mais a postura crítica tradicional. Puxa você para dentro de uma caixa de som com não sei quantos watts. O rock acabou com o distanciamento crítico acadêmico. Isto tem o lado bom e tem o lado ruim. Pode comprometer a capacidade de pensar".

O rock é o paroxismo do engajamento do universo na obra de arte. Hoje existe, por exemplo, uma consciência crítica em relação à alimentação, uma saudável paranóia em relação ao consumo, uma consciência dos sentidos em relação ao ar que se respira: "Eu também acho que saúde é subversão. O rock disse: eu sou a vida. Nunca outra linguagem teve a coragem de assumir isto com tamanha radicalidade". E, mas o rock também errou e continua errando. O rock erra quando se torna em ideologia, se estratifica perde o jogo de cintura, se rende à obediência, como ocorreu com todas as ideologias. O rock erra quando fica cultuando sua ideologia — afirma Guilherme: "Existe uma coisa no rock de formalizar a obrigação de ser livre. Este lance está inscrito na história do rock. É uma manifestação de euforia compulsiva. Quando o rock se rende à indústria, quando começam a aparecer sorrisos artificiais, pode desconfiar: há algo de podre no reino da Dinamarca. Os grupos de Brasília superaram de longe os grupos de São Paulo e do Rio por aí: na visão crítica".

Com o poder econômico que o rock tem ele poderia armar uma barganha muito mais inteligente com o sistema. Mas o rock sempre cultivou a mitologia que pensar é uma coisa careta — dispara Guilherme Vaz. E é precisamente este antiintelectualismo que facilita as coisas na transformação do rock em ideologia de consumo: "O rock não é este enfant-terrible que as pessoas falam. Godard consegue chocar a crítica a cada filme, porque lê demais e pensa. Godard tem o que o rock não tem: cabeça. Então, acaba caindo nesta coisa yuppie oportunista. Perde o sentido de tribo. Os caras passam para gravar em play-back, cada um em uma hora. Só se encontram no fim do mês no escritório das gravadoras para acertar a conta. O sistema é o obscuro objeto do desejo do rock". Uma das saídas musicais frequentemente apontadas para o rock está na fusão com os ritmos brasileiros. Guilherme Vaz é contra. E argumenta: isto deu quase sempre em meros pastiches: "Este papo de MPB é uma coisa nefasta: foi criado para acabar com o Tropicalismo máximo que os Novos Baianos conseguiram fazer foi Trio Elétrico. E Trio Elétrico permite fazer até propaganda política. A ritmica brasileira não tem o poder, a selvageria, a fúria rítmica do rock. Nossa tradição é de serenata. Como fazer modinha com a letra de Psicopata, do Capital Inicial. Talvez isto caiba no pagode, que já pegou uma influência do rock nas letras. A rapaziada do rock tem de se municiar não é pra ficar mais "sofisticado", é pra preservar sua selvageria. Tem de ler Bachelard, Deleuze, ouvir música eletrônica, ver o Tabu do Bressane, O Bandido da Luz Vermelha, do Sganzerla. Tem de sacar tudo de bom que nós temos dentro e fora do País. E assim que se consegue uma selvageria lúcida". (S.F.)



Guilherme: a arte de Brasília vai obedecer a desobediência